

FRONTEAMENTO DE CONSTITUINTES E PADRÕES DE ORDENAÇÃO DO SUJEITO EM CARTAS PARTICULARES BRASILEIRAS DOS SÉCULOS XIX E XX

FRONTING OF CONSTITUENTS AND ORDER OF THE SUBJECT IN BRASILIAN LETTERS OF 19TH AND 20TH CENTURIES

Rafael Aguiar Moura

Marco Antonio Martins

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

Considerando o modelo de competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001), segundo o qual a variação e a mudança nos domínios sintáticos constituem um processo gradual que se desenvolve via competição entre diferentes gramáticas, descrevemos e analisamos, em consonância com pressupostos da teoria gerativa, as construções com frenteamento de constituintes e com diferentes padrões de ordenação do sujeito em orações principais finitas não dependentes na diacronia do português brasileiro. O corpus se constitui de cartas pessoais brasileiras dos séculos 19 e 20 de diferentes regiões e se dividem em três períodos de tempo, correspondentes à segunda metade do século 19 (com cartas, exclusivamente, do Rio de Janeiro), à primeira metade (com cartas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Norte) e à segunda metade (apenas com cartas do Rio Grande do Norte) do século 20. As cartas cariocas são oriundas do Laboratório de História do Português Brasileiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As potiguares, por sua vez, integram o corpus mínimo comum manuscrito do Projeto da História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN). Observamos a natureza dos constituintes pré-verbais e o posicionamento do sujeito (anteposto ou posposto ao verbo). Os resultados mostraram que o século 19, em 49% dos dados, apresenta um constituinte pré-verbal (contíguo ou não ao verbo) que não é representado por um sujeito. Esse constituinte

pré-verbal pode ser representado por um termo circunstancial locativo ou temporal que é condicionado por orações sem sujeito e orações com sujeito posposto ao verbo. Sendo assim, acreditamos que esse século mostra um indício da existência de diferentes padrões de ordenação, isto é, um padrão XV (constituente pré-verbal não realizado por um sujeito) e um padrão SV (constituente pré-verbal realizado por um sujeito), que começa a aumentar a partir do século 18, conforme mostraram os estudos de Coelho e Martins (2012). Seguindo a proposta de Paixão de Sousa (2004), interpretamos que tais padrões encontrados em cartas brasileiras dos séculos 19 constituem, respectivamente, um sistema V2 (instanciado pela gramática do Português Clássico) e um sistema SV (instanciado pela gramática do Português Brasileiro e do Português Europeu). No século 20, diferentemente, há um aumento dos padrões associados ao sistema SV. Portanto, defendemos que os textos do século 19 refletem um processo de competição entre diferentes gramaticais – PC, PB e PE – e os textos do século 20 refletem um quadro mais estabilizado com um padrão do sistema SV.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteamento de constituintes e ordenação do sujeito; Português Brasileiro; Sintaxe diacrônica.

ABSTRACT

Considering the grammar competition model (Kroch, 1989; 2001), according to which the change and the change in syntactic domains are a gradual process that develops via competition between different grammars, describe and analyze, in line with assumptions of generative theory, the buildings with constituents fronting and with different subject of ordination standards in not dependent on finite main clauses diachronically Brazilian Portuguese. The *corpus* is composed of Brazilian personal letters of the 19th and 20th centuries from different regions and are divided into three time periods, corresponding to the second half of the 19th century (with letters exclusively of Rio de Janeiro), the first half (with letters of Rio de Janeiro and Rio Grande do Norte) and the second half (only with cards of Rio Grande do Norte) of the 20th century. Rio's letters are from the Brazilian Portuguese History Laboratory of the Federal University of Rio de Janeiro. The potiguares, in turn, part of the

minimum *corpus* common manuscript Brazilian Portuguese History Project in Rio Grande do Norte (PHPB-RN). We observed the nature of preverbal constituents and the positioning of the subject (prefixed or postponed to the verb). The results showed that the 19th century, in 49% of the data, has a pre-verbal constituent (contiguous or not the verb) that is not represented by a subject. This preverbal constituent can be represented by a locative or temporal circumstantial term that is conditioned by prayers without subject and prayers with subject postponed to the verb. Thus, we believe that this century shows evidence of the existence of different ordering patterns, i.e. a standard XV (preverbal constituent not performed by a subject) and a standard SV (preverbal constituent performed by a subject), that begins to rise from the 18th century, as demonstrated by the studies of Coelho and Martins (2012). Following the proposal of Paixão de Sousa (2004), we interpret that such patterns found in Brazilian letters of 19 centuries constitute respectively a V2 system (instantiated by the grammar of Portuguese Classic) and a SV system (instantiated by the grammar of Brazilian Portuguese and European Portuguese). In the 20th century, in contrast, there is an increase in the patterns associated with the SV system. Therefore, we argue that the 19th century texts reflect a process of competition between different grammatical - PC, PB and PE - and 20th century texts reflect a more stable condition with a standard SV system.

KEYWORDS: fronting constituents and order of the subject; Brazilian Portuguese; Diachronic syntax.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar as construções com frontamento de constituintes e com diferentes padrões de ordenação do sujeito em orações principais finitas não dependentes na diacronia do português brasileiro. Para isso, faremos uso dos pressupostos da teoria gerativa, mais especificamente, a proposta de interface teórica denominada de modelo de competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001), segundo o qual a variação e a mudança nos domínios sintáticos constituem um processo gradual que se desenvolve via competição entre diferentes gramáticas.

O *corpus* utilizado é composto por cartas pessoais brasileiras dos séculos 19 e 20 de diferentes regiões e se dividem em três períodos de tempo (três metades de século), correspondentes à segunda metade do século 19 (com cartas, exclusivamente, do Rio de Janeiro), à primeira metade (com cartas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Norte) e à segunda metade (apenas com cartas do Rio Grande do Norte) do século 20.

Em se tratando da revisão bibliográfica aqui adotada, o nosso estudo teve como embasamento os diversos estudos diacrônicos acerca dos padrões de ordenação do Português Brasileiro. Dentre eles, podemos destacar o trabalho de Paixão de Sousa (2004) acerca dos padrões de ordenação de constituintes em textos portugueses escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19; o estudo sobre as configurações XSV e XVS no PB contemporâneo realizado por Paiva (2011) e a discussão proposta por Coelho e Martins (2012) sobre a mudança sintática do PB rumo a um predomínio da ordem sujeito-verbo-objeto (SVO).

Amparados pela proposta de Paixão de Sousa (2004), atestamos que os padrões encontrados em cartas brasileiras dos séculos 19 parecem estar associados a dois sistemas linguísticos distintos, enquanto que nas cartas do século 20, diferentemente, há um enrijecimento dos padrões associados a um único sistema. Daí a razão de acreditarmos que os textos do século 19 podem refletir um processo de competição entre diferentes gramaticais, conforme foi proposto por Kroch (1989; 2001).

A nossa pesquisa está estruturada da seguinte forma: (1) a teoria gerativa: hipótese de competição de gramáticas; (2) uma visão diacrônica dos padrões de ordenação de constituintes do português; e (3) Os padrões de ordenação de constituintes na diacronia do Português Brasileiro.

1. A teoria gerativa: hipótese de competição de gramáticas

Em relação a essa proposta, Kroch (1989; 2003 [2001]) entende que a mudança linguística é iniciada com uma mudança na gramática, que, por sua vez, ocasiona uma alteração nas frequências das formas linguísticas, sendo estas difundidas na comunidade linguística. Para Kroch (2003 [2001]), essa mudança gramatical deve ser vista como uma falha que ocorre na transmissão dos traços linguísticos através do tempo, de maneira que essas falhas (manifestadas no aprendizado, isto é, no curso da aquisição da

língua) podem ocorrer entre falantes nativos adultos que substituem um traço velho por um novo no uso da língua. Tal falha ou transmissão imperfeita faz com que uma comunidade de aprendizes apresente gramáticas divergentes, que entrarão em competição até ocorrer a mudança linguística:

O trabalho de Kroch nos últimos anos tem mostrado a presença de gramáticas mutuamente incompatíveis em um falante ou em uma comunidade de falantes. Uma vez que uma comunidade se torna diglósica em relação a um dado valor de um parâmetro, cada indivíduo aprenderá os dois valores. A mudança ocorre quando uma das gramáticas lentamente tira a outra do uso. É o modelo da competição de gramáticas (CYRINO, 2007, p. 364).

Por se tratar de uma interface entre dois modelos teóricos distintos (a *Teoria da Variação e da Mudança* e a *Teoria dos Princípios e Parâmetros*), a proposta de *competição de gramáticas* de Kroch (1989; 2003[2001]) promove a fusão de uma teoria da variação e mudança com uma teoria gramatical, aliando a metodologia variacionista (comportamento estatístico dos dados) com o quadro teórico gerativista (teoria linguística para tratar os condicionamentos das variantes). Nessa proposta, a variação é interlinguística, isto é, não ocorre na gramática, mas sim entre gramáticas ou marcações paramétricas diferentes. Dessa maneira, a implementação da mudança, na concepção de Kroch (1989) e em consonância com o gerativismo, acontece no começo da curva em “S” quando já são atestadas variações entre gramáticas distintas.

No que tange a proposta de mudança sintática via competição de gramáticas, não se pode deixar de citar a contribuição da obra *Reflexes of Grammar in PatternsofLanguageChange* (1989) de autoria de Anthony Kroch, cuja proposta é realizar um diálogo entre a observação empírica das formas variantes no tempo e a análise explicativa da teoria da gramática. No clássico e pioneiro trabalho – *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (2006[1968]), Weinreich, Labov e Herzog propuseram o conceito de heterogeneidade ordenada (ou sistemática), isto é, a covariação entre variáveis linguísticas que é determinada em função das variáveis independentes extralinguísticas (sociais) ou linguísticas (estruturais). De

acordo com Martins (2009), Kroch (1989) utiliza esse conceito em sua proposta de mudança sintática:

(...) Kroch e colaboradores têm advogado um modelo de mudança sintática que não descarta a heterogeneidade sistemática inerente ao ambiente linguístico, conforme defendido por WLH. Nesse modelo, a mudança sintática procede gradualmente via competição de gramáticas que se substituem no uso entre gerações. Por outros termos, o processo de mudança sintática reflete sempre a tensão, num ambiente heterogêneo, entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora (p. 72-73).

Sendo assim, a observação empírica da gradação entre as formas variantes refletidas nos textos seria responsável por captar a tensão entre as gramáticas inovadora e conservadora. Essas alterações (de formas variantes) nos textos seriam uma evidência de uma alteração na fixação de um parâmetro gramatical durante a aprendizagem. A proposta de Kroch (1989), ao estar fundamentada na Teoria dos Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, associa-se intrinsecamente ao processo de aquisição da linguagem (faculdade da linguagem), de forma que a criança, ao ter contato com a Língua-E, fixa os parâmetros gramaticais e sai do estado linguístico inicial – Gramática Universal (GU) – para chegar a um estado constante (ou final) de língua – a sua gramática particular. Fica claro, portanto, que a criança tem acesso aos parâmetros gramaticais, mas ela não sabe qual deles fazem parte da gramática dos seus pais. Logo, ela fica suscetível a uma aprendizagem errônea, isto é, a uma marcação paramétrica diferente da gramática visada.

2. Uma visão diacrônica dos padrões de ordenação de constituintes do português

No que concerne à ordenação de constituintes, inúmeros são os estudos que abordam essa temática ao longo da história do português. Quando descreve os padrões de ordenação de constituintes em textos portugueses escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19, Paixão

de Sousa (2004), a partir de um *corpus* composto por 19 textos selecionados junto ao *Corpus TychoBrabe*, mostra a ocorrência de três tipos de padrões: V1, V2 e V3. Segundo a autora, o padrão V2 (verbo em segunda posição – [XP]V) é a ordem linear mais presente com 1.451 (63% do total geral de sentenças principais) sentenças com apenas um constituinte em posição pré-verbal. O padrão V1 (verbo em posição inicial – #V) apresenta 501 (22% do total) sentenças e o V3 ou V>2 (mais de um constituinte antes do verbo – [XP][XP]V), 353 (15% do total) sentenças.

Após analisar a proporção de ocorrência dos padrões de ordenação em textos que datam do século 16 até o 19, Paixão de Sousa (2004) conclui que os textos médios (séculos 16 e 17), enquanto “sistema V2”, teriam a posição pré-verbal disponível para constituintes de VP em geral, logo, a posição menos marcada para os sujeitos lexicais seria a pós-verbal, daí a maior ocorrência da ordem VS nesse período; por outro lado, a autora também entende que os textos modernos (séculos 18 e 19), enquanto “sistema SV”, teriam a posição pré-verbal como a menos marcada para os sujeitos lexicais. Isso explica, portanto, o aumento da ordem SV e a diminuição da ordem VS no PE. Sendo assim, “(...) a passagem do sistema médio para o moderno seria a passagem de um sistema XVS para um sistema SVX” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 163).

Para Paiva (2011), nas diversas línguas cuja ordem canônica (ou prototípica) é a SVO, é fácil atestarmos a ocorrência da configuração XVS com o sujeito posposto e a presença de um sintagma preposicional (Sprep) ou sintagma adverbial (Sadv) introduzindo a sentença como circunstanciais temporais ou locativos, sendo essa ordem mais produtiva com os verbos monoargumentais (inacusativos e inergativos). Por isso, a autora apresenta algumas hipóteses acerca da ordem XVS no PB contemporâneo por meio do seguinte fragmento:

Assim, por exemplo, Coelho (2000), Kato (2003), Santos & Duarte (2006) e Spano (2002, 2008) sustentam uma quase cristalização da ordem VS com construções inacusativas como consequência de uma perda gradativa da opção do sujeito nulo. Na perspectiva de Kato e Duarte (2005), esse processo de mudança explicaria o surgimento de uma

restrição fonológica que leva ao preenchimento da posição à esquerda do verbo, a fim de evitar estruturas do tipo V1. Nessa mesma direção, Coelho (2000) postula que, com verbos inacusativos, a posição mais à esquerda da oração deve, necessariamente, ser preenchida (p. 248).

Quando faz uma relação entre a realização do sujeito no PB (falado e escrito) e a anteposição de Spreps circunstanciais, Paiva (2011) depreende as orações com sujeito posposto e as orações sem sujeito (existenciais ou impessoais) como duas configurações estruturais que favorecem a anteposição (ao verbo) de Spreps locativos e temporais.

Ao propor uma discussão sobre uma das mudanças sintáticas atestadas pelo PB, Coelho e Martins (2012) observam uma predominância da ordem sujeito-verbo (91%) sobre a ordem verbo-sujeito (9%). Os resultados comprovam que a ordem SV é a que mais predomina, havendo uma maior ocorrência das construções YXV e XV com 93% e 89% respectivamente. A frequência dessa ordem aumenta ainda mais no século 20. Na verdade, Torres Morais (1993, *apud* Coelho e Martins, 2012) já havia mostrado que, a partir do século 18, as ordens XSV/SXV e SV com o sujeito em posição pré-verbal tinham se tornado uma tendência progressiva.

Diante disso, eles acreditam que a escrita dos brasileiros nascidos no século 19 mostra padrões associados a diferentes gramáticas do português: seja ao PB (com a ordem SV, isto é, o sujeito ocupando a posição pré-verbal (XSV ou SXV) e a XVS inacusativa); ao PE (com construções XVS inacusativa e germânica e construções XSV ou SXV); e/ou ao PA (com a ordem XVS inacusativa e não inacusativa – germânica). Logo, em consonância com Kroch (1989, 2003 [2001]), os autores entendem que as variações presentes nos textos históricos podem refletir gramáticas distintas (uma conservadora e uma inovadora). Isso evidencia, para Coelho e Martins (2012), um processo de mudança sintática que seria o reflexo de uma competição entre diferentes gramáticas do português.

3. Os padrões de ordenação de constituintes na diacronia do Português Brasileiro

Neste capítulo, exporemos os resultados do nosso estudo sobre as construções [XP]V / [XP][XP]V em orações principais finitas não dependentes das cartas pessoais dos séculos 19 e 20, isto é, apresentaremos os resultados dos padrões empíricos a respeito dos tipos de constituintes (sujeito, adjunto adverbial, argumento topicalizado etc.) que ocupam a posição pré-verbal, favorecendo a formação de diferentes padrões de ordenação: SV, SXV, XSV, XVS, YXVS, YXV etc. No nosso estudo, observamos apenas os padrões V2 (verbo em segunda posição) ou V>2 (dois ou mais constituintes em posição pré-verbal), dedicando também uma atenção aos casos de posposição do sujeito ao verbo. Esta seção está dividida em duas partes: os procedimentos metodológicos (3.1) e os padrões empíricos de ordenação do Português Brasileiro nas cartas pessoais dos séculos 19 e 20 (3.2).

3.1. Procedimentos metodológicos

Nesta subseção, mostraremos os passos adotados na pesquisa, desde a constituição do *corpus* até os procedimentos da análise teórica dos resultados obtidos. A perspectiva teórica adotada aqui envolve uma interface entre duas teorias distintas: a *Teoria da Variação e Mudança* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), e a *Teoria dos Princípios e Parâmetros* (CHOMSKY, 1981; 1986). Ou seja, unimos uma teoria gramatical a uma teoria da mudança. Nessa união teórica, adotamos, para nortear o nosso estudo, a proposta de Kroch (1989; 2001), segundo a qual a variação e a mudança nos domínios sintáticos constituem um processo gradual que se desenvolve via competição de gramáticas.

Em se tratando do *corpus* aqui adotado, ele é constituído por cartas pessoais brasileiras dos séculos 19 e 20. Essas cartas se dividem em três períodos de tempo: a segunda metade do século 19 (com cartas, exclusivamente, do Rio de Janeiro), a primeira metade do século 20 (com cartas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Norte) e a segunda metade do século 20 (apenas com cartas do Rio Grande do Norte). As cartas cariocas são oriundas do *Laboratório de História do Português Brasileiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. As potiguares, por sua vez, integram o *corpus* mínimo

comum manuscrito do *Projeto da História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte* (PHPB-RN).

Após a organização do *corpus*, realizamos, nas cartas pessoais, a coleta dos dados, isto é, separamos, para análise, as construções V2 ou V>2 em orações principais finitas não dependentes. Em seguida, realizamos a categorização ou codificação dos dados coletados. Uma vez finalizada a codificação dos dados coletados, estes foram submetidos ao programa do pacote estatístico GOLDVARB 2001 (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001) para a realização do tratamento estatístico das ocorrências. Em posse dos resultados obtidos e devidamente interpretados a partir do aparato metodológico da teoria variacionista, promovemos uma análise teórica dos mesmos tendo, como embasamento, uma abordagem formalista – Teoria dos Princípios e Parâmetros – (CHOMSKY, 1986).

Em consonância com a proposta teórica de Paixão de Sousa (2004) e Paiva (2011) e sem ignorarmos obviamente as contribuições dos outros autores citados neste trabalho, procuramos explicar, através das hipóteses oriundas desses estudos, os diferentes padrões de ordenação encontrados nos nossos dados.

3.2. Análise dos padrões empíricos de ordenação do Português Brasileiro em cartas pessoais dos séculos 19 e 20

Ao realizarmos o tratamento estatístico dos dados, obtivemos um total de 1690 ocorrências, sendo 1230 (73%) com construções do tipo [XP] V (apenas um constituinte em posição pré-verbal – V2) e 460 (27%) com construções do tipo [XP][XP]V (dois ou mais constituintes em posição pré-verbal – V3 ou V>3). Assim como aconteceu no estudo de Paixão de Sousa (2004), é notória, portanto, a preponderância do padrão V2 superficial (verbo em segunda posição) nos resultados.

Em se tratando da relação entre esses dois tipos de construções e a variável *realização do sujeito*, auferimos os seguintes resultados:

	[XP]V	[XP][XP]V	Total
Nulo	500 (86%)	80 (14%)	580 (34%)
Preenchido	730 (66%)	380 (34%)	1110 (66%)
Total	1230 (73%)	460 (27%)	1690

Tabela 1: posicionamento superficial do verbo vs realização do sujeito.

Diante do que foi exposto na tabela 1, percebemos uma alta discrepância nos casos de sujeito nulo em construções [XP]V e [XP][XP]V com 86% e 14%, respectivamente. Ainda que a construção com V2 superficial prevaleça numericamente sobre a não V2, isso constitui uma forte evidência de que a ocorrência de sujeito nulo pode ser favorecida por construções [XP]V. Sendo assim, será mais fácil encontrarmos o sujeito preenchido em construções do tipo [XP][XP]V, seja em posição contígua ao verbo ([XP][XP]V) ou não ([XP][XP]V). Como exemplo de sujeito nulo em construções V2 superficial, temos o seguinte:

- (1) Já tive notícia da boa recepção que lhe fizeram na Rua do Lavradio... (Século 19).

Como podemos observar na sentença (1), temos um caso de construção V2 superficial com sujeito nulo referencial, sendo o verbo transitivo direto precedido por um termo circunstancial de valor temporal.

Ainda em relação a tabela 1, notamos também um predomínio de construções com sujeito preenchido, chegando a um total de 1110 dados (66%), como vemos no exemplo a seguir:

- (2) Nós estamos ansiosos por isso e ficamos bem satisfeitos se a comarca for na prova do Rio (Século 19).

Ao cruzarmos a variável *realização do sujeito* com a variável *século*, logramos os seguintes resultados:

	Nulo	Preenchido	Total
Séc. 19	178 (40%)	272 (60%)	450
Séc. 20 - 1ª metade	189 (30%)	434 (70%)	623
Séc. 20 - 2ª metade	213 (35%)	404 (65%)	617
Total	580 (34%)	1110 (65%)	1690

Tabela 2: Cruzamento da variável realização do sujeito com a variável século.

Diante da tabela 2, apesar de o sujeito preenchido predominar, é nítido, em relação ao século 20 (e também em relação ao total de sujeitos nulos e preenchidos), o equilíbrio na ocorrência de sujeitos nulos (40%) e preenchidos (60%) em cartas do século 19.

Quando a variável dependente *posicionamento superficial do verbo* é relacionada com a variável *ordem do sujeito*, chegamos aos resultados transcritos na tabela 3:

	[XP]V	[XP][XP]V	Total
SV	640 (63%)	370 (37%)	1010 (91%)
VS	90 (90%)	10 (10%)	100 (9%)
Total	730 (66%)	380 (34%)	1110

Tabela 3: posicionamento superficial do verbo vs ordem do sujeito.

Tendo em vista os dados obtidos, percebemos, nos casos com preenchimento de sujeito, uma predominância absoluta do sujeito em posição pré-verbal (91%) na amostra, correspondendo a mais de dez vezes a ordem de sujeito pós-verbal (9%). Isso corrobora o que Coelho e Martins (2012) afirmaram, pois, segundo os autores, a partir do século 18, já se inicia no PB um aumento da ordem SV (ou SXV/XSV), que se consolida definitivamente como ordem canônica no século 20.

Entretanto, ao considerarmos os dados com sujeito nulo, a predominância da realização do sujeito como constituinte pré-verbal diminui consideravelmente. Do total de 1690 dados, 60% (1010 dados) é composto por construções em que o constituinte pré-verbal é realizado por um sujeito. Por outro lado, em 40% (680 dados) desse total, o constituinte pré-verbal não é realizado por um sujeito.

Além disso, também merece destaque, na tabela 3, o índice de posposição do sujeito nas construções [XP]V (90%), que é muito superior ao índice de posposição das construções [XP][XP]V (10%). Logo, podemos inferir que a posposição do sujeito é condicionada por construções com V2 superficial, conforme vemos no exemplo 3:

- (3) Em cimavãouuns ovos muito frescos para você
(Século 20 – 1ª metade).

Portanto, ao fazermos uma ponte com a hipótese proposta por Paiva (2011), segundo a qual as orações sem sujeito e as orações com sujeito posposto podem funcionar como duas configurações estruturais que condicionam a realização de uma ordem em que um termo circunstancial (temporal ou locativo) ocupa a posição pré-verbal, podemos associar esse padrão de ordenação (*advérbio – verbo – [sujeito]*) a construções do tipo V2 superficial, haja vista que as construções [XP]V, como vimos nos resultados da nossa pesquisa (tabelas 1 e 3), parecem favorecer o sujeito nulo e o sujeito posposto. Os exemplos 1 e 3 são dois casos que evidenciam esse padrão de ordenação: o primeiro com um adjunto adverbial temporal (representado por um advérbio) precedendo o verbo; e o segundo com um adjunto adverbial locativo (representado por um sintagma preposicional) antecedendo o verbo. Para Paiva (2011), a posposição do sujeito de verbos inacusativos, seja na modalidade escrita ou falada, favorece a ocorrência de termos circunstanciais em posição pré-verbal, a exemplo da sentença 3 com o verbo inacusativo “ir”.

Com o propósito de apurarmos a relação entre a variável *ordem do sujeito* e a variável *século*, fizemos o cruzamento entre essas duas variáveis e obtivemos os resultados abaixo:

	SV	VS	Total
Séc. 19	231 (85%)	41 (15%)	272
Séc. 20 - 1^a metade	399 (92%)	35 (8%)	434
Séc. 20 - 2^a metade	380 (94%)	24 (6%)	404
Total	1010	100	1110

Tabela 4: cruzamento da variável ordem do sujeito com a variável século.

A partir desses resultados, atestamos, nas construções com sujeito preenchido, o aumento gradativo da ordem SV (sujeito em posição pré-verbal) ao longo das três metades de século (isto é, desde a segunda metade do século 19 até a segunda metade do século 20), alcançando, respectivamente, 85% - 92% - 94%. Tal resultado pode ser avaliado por Paixão de Sousa (2004) - para

o português europeu, que vê os textos modernos (séculos 18 e 19) associados a um “sistema SV”, haja vista que eles teriam a posição pré-verbal como a menos marcada para os sujeitos lexicais, o que explica, segundo a autora, o aumento da ordem SV e a diminuição da ordem VS.

Apesar dessa preponderância absoluta da ordem SV ao longo das três metades de século, notamos uma certa distorção desses resultados ao considerarmos os casos com sujeito nulo.

Os dados da primeira e da segunda metade do século 20 mantêm um predomínio (ainda que menor em relação aos casos que consideram apenas os dados com sujeito preenchido) das construções com o constituinte pré-verbal representado por um sujeito sobre as construções com um XP qualquer (desde que não seja sujeito) em posição pré-verbal, apresentando, respectivamente, as seguintes proporções: 64% (399 dados) – 36% (224 dados) nas cartas da primeira metade do século 20 e 62% (380 dados) – 38% (237 dados) nas cartas da segunda metade do século 20.

Diferentemente do que acontece no século 20, no século 19, a ocorrência de ordens com o sujeito em posição pré-verbal chega a, no máximo, 51% (231 dados). Nos 49% (219 dados) restantes, os constituintes pré-verbais são representados por um XP (não-sujeito) qualquer.

Sendo assim, atestamos que as cartas pessoais brasileiras do século 19 apresenta padrões de ordenação associados tanto a um sistema V2 como a um sistema SV, configurando assim um processo de competição entre diferentes gramáticas que instanciam ou um sistema V2 ou um sistema SV. Ou seja, as cartas do século 19 promovem uma competição entre a gramática do Português Clássico (instanciam o sistema V2) e a gramática do Português Brasileiro e do Português Europeu (instanciam o sistema SV). No século 20, por outro lado, com o nítido aumento dos padrões associados ao sistema SV, a competição de gramáticas não se configura.

4. Conclusão

Portanto, tendo em vista tudo o que foi exposto neste trabalho, acreditamos que a relevância desse estudo está na contribuição que ele traz para o acervo das pesquisas de cunho linguístico. Nesse estudo diacrônico, vimos que o Português Brasileiro está suscetível a ocorrência de diferentes padrões de ordenação. A exemplo do que foi proposto por Paiva (2011),

tais padrões podem ser favorecidos por alguns fatores como é o caso do sujeito nulo e das construções com sujeito pós-verbal que condicionam, segundo o autor, a realização de um termo circunstancial em posição pré-verbal. Conforme observamos nos nossos resultados, esses fatores condicionadores parecem ser favorecidos pela ordem V2 superficial.

Norteados pela proposta de Paixão de Sousa (2004), acreditamos que os padrões encontrados em cartas brasileiras dos séculos 19 envolvem uma situação de competição de gramáticas em virtude de as ordens encontradas estarem atreladas a um sistema V2 (constituente pré-verbal representado por um XP qualquer) e a um sistema SV (constituente pré-verbal representado por um sujeito). O século 20, por sua vez, apresenta um quadro em que o sistema SV se mostra mais estabilizado, haja vista que gramática do Português Brasileiro não rivaliza com uma gramática que instancia um sistema V2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, N. Knowledge of Language: Its Nature, Origins, and Use. Praeger, 1986.

COELHO, I. L.; MARTINS, M. A. Padrões de inversão do sujeito na escrita brasileira do século 19: evidências empíricas para a hipótese de competição de gramáticas. Revista Alfa, 2012.

CYRINO, S. M. L. Mudança sintática e o português brasileiro. In: CASTILHO, A. ET AL (org). Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007, p. 361 – 373.

KROCH, A. 1989. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. Language Variations and Change, (1):199-244.

_____. 2001. Syntactic Change. In: Baltin & Collins (eds). The handbook of contemporary syntactic theory. Massachusetts, USA: Blackwell, pp. 699-729.

_____. 2003. Mudança sintática. <<http://www.ling.upenn.edu/kroch>>. Traduzido por Sílvia Cavalcante.

MARTINS, M. A. Variação e mudança na sintaxe como competição de gramáticas. *Investigações (UFPE)*, v. 22, p. 65-87, 2009.

PAIVA, M. C. Configurações XSV e XVS no português contemporâneo: complementaridade sintático-semântica e discursiva. In: *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. - N. 8, (2011) -. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2011.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. Campinas, SP. Unicamp, 2004.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. (2001). *GoldVarb: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science, University of York. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>.